



Educação Antirracista no Ensino de História:

Práticas pedagógicas com povos originários a partir da experiência no PIBID em Alagoas

PAIVA, Maria Luiza Monteiro Bittencourt¹
MELO, José Vinicius Rocha²
SILVA, Izabella Gomes da³

RESUMO: O presente artigo é um relato de experiência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, realizado em uma escola de ensino fundamental na cidade alagoana de Arapiraca, utilizando uma análise decroliana com o objetivo de promover a conscientização antirracista e a valorização dos povos indígenas de Alagoas. Concluiu-se que as aulas atuaram positivamente junto ao alunado, a partir de diálogos importantes sobre as temáticas abordadas, reconhecendo que essas questões devem ser discutidas com a comunidade escolar sempre que possível, visando à valorização das diversidades culturais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID, Relato de experiência, Ensino de História

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência foi realizado em uma escola municipal de Arapiraca. As aulas tiveram como objetivo o ensino da conscientização antirracista e a valorização dos povos indígenas de Alagoas. As atividades foram desenvolvidas por meio de diálogos com a comunidade indígena Tinguibotó e de intervenções realizadas no município.

¹ Graduando em Licenciatura em História, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus I*, maria.paiva.2023@alunos.uneal.edu.br

² Graduando em Licenciatura História, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBID), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) *Campus I Arapiraca* jose.rocha.2024@alunos.uneal.edu.br

³ Graduando em Licenciatura História, Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) *Campus I Arapiraca*, izabella.silva.2024@alunos.uneal.edu.br



Partimos do pressuposto de que, de acordo com Ribeiro (2019), para que seja possível compreender o papel do racismo na sociedade brasileira, é necessária uma discussão estrutural. Sendo assim, inicialmente, retornamos à década de 1530, quando a colonização portuguesa no Novo Mundo tem início e, juntamente com ela, o tráfico negreiro. A escravidão consistiu em uma relação de dominação responsável não apenas por reduzir o corpo negro à condição de máquina produtiva, mas também pela tentativa de anulação de suas culturas. Além disso, foi responsável por fornecer aos colonizadores brancos grande poder material e ideológico, que se faz presente ainda na sociedade contemporânea.

No referido cenário, ao longo de mais de 300 anos de escravidão, surgiram diversas teorias que buscavam justificar essa relação de violência. Segundo Krenak (2019, p. 8), “a ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível”. Assim, inicialmente, a escravidão foi tida como uma etapa necessária à salvação dos negros; posteriormente, como necessária à sua civilização — ideias que enraizaram na sociedade a imagem do negro como ser inferior.

As citadas concepções acerca do negro e da escravidão contribuíram para que, durante o século XIX até o início do século XX, teorias de cunho racista, como o darwinismo social e o evolucionismo, fossem importadas e utilizadas para compreender a sociedade brasileira, iniciando uma política de branqueamento social. Segundo o pensamento predominante da época, a sociedade brasileira ainda não havia alcançado o status de “civilização” por ser fruto da mistura da raça branca com as raças negra e indígena.

Tal contexto se modifica quando Gilberto Freyre publica sua obra *Casa-Grande & Senzala* em meados do século XX. A obra aborda a tese de que a proximidade física e sexual das três etnias — europeia, africana e indígena — deu origem a uma sociedade harmônica, não segregada. Com isso, transformou o mestiço em algo a ser celebrado, um símbolo nacional. Contudo, por outro lado, contribuiu para a construção do mito da democracia racial, ou mito das três raças, mascarando o racismo sobre o qual o Brasil foi construído.



Com esse novo estágio do pensamento social brasileiro, o racismo passou a nomear apenas práticas de caráter mais explícito, como xingamentos e atos de agressão física, enquanto questões como a ausência de pessoas negras em posições de poder, no ensino superior, nas produções artísticas e cinematográficas e até mesmo expressões cotidianas de cunho racial não eram postas em reflexão. Djamila Ribeiro, em seu *Pequeno Manual Antirracista* (2019), afirma que, para solucionar problemáticas, é preciso que elas saiam das sombras e sejam nomeadas, sendo o primeiro passo para isso reconhecer as diferenças existentes entre os povos.

Assim, dentro do cenário apresentado, urge salientar a problemática presente na perspectiva de que somos todos iguais. Para tanto, utilizamos como fundamento a obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak. Nela, o autor realiza uma crítica ao conceito de humanidade. Para ele, humanidade é sinônimo de unidade e constitui uma narrativa globalizante que visa destituir as sociedades de seus traços característicos, homogeneizando os povos. Esse é o “fim do mundo” para o autor: o apagamento da diversidade pelos grupos dominantes.

O principal ambiente onde esse processo de homogeneização ocorre é o meio escolar, manifestando-se por meio do currículo. Por currículo, compreende-se tudo aquilo que um indivíduo deve aprender na escola para tornar-se um cidadão. Michael W. Apple evidencia como o currículo tradicional historicamente ignorou os saberes e as experiências de diversos grupos sociais. Para Apple (2013), essa exclusão não se trata de uma simples omissão pedagógica, mas de uma escolha ideológica e política, vinculada a conflitos de classe, raça, gênero e religião.

Portanto, nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir práticas antirracistas que podem ser implementadas na educação, mais precisamente no ensino de História, bem como sua importância.

Para realizar essa discussão, este ensaio apresenta-se organizado em metodologia, seção na qual serão discutidos autores como Jean Ovide Decroly (2023) e Paulo Freire (1996), além de abordagens ativas de ensino e aprendizagem; seguido dos resultados, em que será apresentado um relato de experiência vivenciado durante o ano letivo de 2025 por bolsistas do Programa



Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola de ensino fundamental, com turmas do 6º e 8º ano.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho inspira-se nos princípios pedagógicos de Jean Ovide Decroly (1871–1932), nascido na Bélgica, em uma família economicamente estruturada. Formado em Medicina, com especialização em Neurologia, dedicou sua vida ao estudo das doenças mentais, bem como da anatomia e das patologias do cérebro infantil.

Decroly tornou-se um dos pioneiros do Movimento da Escola Nova, cujo princípio político e educativo consiste na profunda rejeição à escola tradicional, centralizada na transmissão de conteúdos de forma descontextualizada e fragmentada, sem considerar, no processo de ensino, o aluno e sua participação na construção da aprendizagem.

Desse modo, as atividades descritas no próximo tópico foram baseadas em sua metodologia, especialmente na ideia de que a aprendizagem deve partir dos interesses e da realidade vivida pelos estudantes.

Assim, as atividades foram organizadas a partir de centros de interesse que dialogam com a temática das relações étnico-raciais e dos povos originários, estimulando a observação, a associação e a expressão dos alunos. A proposta buscou integrar diferentes linguagens (oral, escrita e sonora) para promover uma aprendizagem significativa, na qual os estudantes pudessem compreender a diversidade cultural presente em seu próprio contexto social.

Nesse sentido, o trabalho também incorporou o estudo das etnias indígenas presentes no estado de Alagoas, como os povos Tingui-Botó, Kariri-Xocó, Aconã, Karapotó e Xukuru-Kariri. As obras utilizadas para o ensino dessa temática foram as de Adriana Ciqueira (2020), *Etnias indígenas alagoanas*, e de Fernanda Andrade Silva (2020), *Os sons Tingui-Botó: cultura e identidade indígena em Alagoas*.

A abordagem realizada em sala de aula procurou valorizar os conhecimentos históricos e culturais desses povos, contribuindo para ampliar a compreensão dos alunos sobre a presença indígena no Nordeste brasileiro e combatendo visões estereotipadas ainda presentes no imaginário social. As



atividades incluíram momentos de leitura, debate e análise de materiais culturais que evidenciam as formas de organização, identidade e resistência desses grupos.

Como recurso didático, utilizou-se também o curta-metragem *Tingui-Botó: sofrimentos e conquistas de um povo guerreiro*, que apresenta elementos culturais e sonoros relacionados a esse povo. A exploração dos sons, cantos e expressões culturais permitiu trabalhar a dimensão sensível da aprendizagem, estimulando os estudantes a perceberem a cultura indígena como algo vivo e presente. Essa abordagem dialoga com a proposta de Decroly ao privilegiar experiências concretas e interdisciplinares que despertam a curiosidade e a participação ativa dos alunos no processo educativo.

Por fim, a reflexão crítica sobre racismo e desigualdades foi fundamentada em princípios discutidos no livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), de Djamila Ribeiro. A obra aborda temas que contribuem para o aprofundamento da percepção acerca das discriminações raciais estruturais e enraizadas, possibilitando reflexões voltadas à transformação da sociedade, a partir do reconhecimento dos privilégios. Em onze capítulos, a autora apresenta, de maneira didática, estratégias para combater o racismo contra a população negra, além de outras formas de opressão.

A partir dessa perspectiva, foram promovidas discussões que incentivaram os estudantes a reconhecer e questionar práticas discriminatórias presentes na sociedade, reforçando a importância do respeito à diversidade étnico-racial. Dessa forma, a metodologia buscou articular conhecimento histórico, sensibilidade cultural e formação cidadã, contribuindo para a construção de uma educação comprometida com a valorização dos povos originários e com a luta contra o racismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segue o texto com correção apenas ortográfica e ajustes mínimos de concordância, sem alterar o estilo original:

Partindo de tais reflexões, buscou-se, então, criar uma sequência didática voltada à formação de uma consciência antirracista para ser trabalhada



com as turmas de 6º ano em uma escola municipal da cidade de Arapiraca, dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em um trabalho conjunto entre o professor supervisor efetivo da mencionada instituição e os bolsistas.

A sequência didática contou com cinco aulas, com a duração de uma hora cada, unindo diferentes estratégias pedagógicas com o objetivo de integrar a maior quantidade possível de estudantes no processo de construção do conhecimento. As aulas foram assim planejadas de modo a edificar, para os estudantes, um ambiente fértil à criação de novos saberes e à formação de uma consciência crítica e antirracista, partindo do pressuposto de que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 13).

Podemos descrevê-las da seguinte forma:

Aula I: Leitura dirigida em grupos sobre as diferentes manifestações de racismo, exemplificadas por meio de artigos jornalísticos breves. Cada grupo ficou responsável por sistematizar os principais argumentos e apresentar as conclusões para os demais alunos.

Aula II: Roda de conversa com os estudantes do 8.º ano, que apresentaram e debateram a pesquisa por eles realizada, sob a orientação da professora Jaci Lopes.

Aula III: Exibição de um vídeo sobre o tema, seguida de debate orientado sobre racismo estrutural, suas formas de reprodução e impactos sociais.

Aula IV: Problematização da questão central: Como ser antirracista? Em grupos com subtemas diferentes para cada turma, os alunos elaboraram propostas de atividades ou intervenções escolares com objetivos antirracistas e definição das ações.

Aula V: Realização da ação prática elaborada na aula anterior, promovendo o engajamento em práticas e ações antirracistas nas ruas por meio dos cartazes preparados pelos estudantes.

É importante aprofundar algumas das características apresentadas neste texto, como o diálogo escolar entre as diferentes turmas na Aula II, que possibilitou aos estudantes formarem um senso de proximidade com o que estava sendo discutido, já que muitos dos estudantes se apresentaram mais



confortáveis em partilhar suas vivências e compreensões do discutido com seus pares do que com os professores, criando, assim, vínculos emocionais com o tema, o que potencializa a formação do conhecimento, pois, segundo Moreira (1999, p. 144):

[...] a aprendizagem mais eficaz é a da pessoa que se deixa envolver totalmente, por si mesma. Não é uma aprendizagem somente cognitiva, do ‘pescoço para cima’. É uma aprendizagem que envolve tanto o aspecto cognitivo como o afetivo da pessoa, é ‘visceral’, profunda e abrangente.

Incorpore-se a isso a noção de que se buscou, durante todo o processo, colocar o aluno como protagonista na construção de conhecimentos, partindo de suas referências e entrando, sempre que possível, no seu universo simbólico, integrando-o às atividades desenvolvidas, pois se lembrou, durante todo o tempo, que:

“Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiências feitos’ com que chegam à escola.” (Freire, 1996, p. 26).

O que pôde ser visto em todas as aulas, mas principalmente nas Aulas I e IV, onde os estudantes tiveram mais espaço para expressar os próprios pensamentos sobre o tema e desenvolver, a partir do diálogo com os colegas e professores, um olhar crítico e mais atento a respeito do que ali se tratava.

Por fim, observou-se, por meio dos produtos articulados pelos estudantes e de suas posturas dinâmicas ao longo das atividades desenvolvidas, um resultado positivo, com impactos na sua compreensão de mundo e nas suas formas de pensar: mesmo com a posterior continuidade dos conteúdos expressos no currículo, os estudantes demonstraram fixação do que foi trabalhado nessa sequência didática, sendo capazes de construir pontes entre ambas as coisas, articulando e comparando o que havia sido discutido com vivências de seu cotidiano e resgatando, em outros momentos, conceitos ali socializados, como o de racismo estrutural e de ações antirracistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em suma, a análise histórica e teórica sobre a discriminação racial no Brasil nos permite compreender que o currículo escolar é fundamentado em uma ideologia. Sendo algo dinâmico, ou seja, em constante construção, o currículo escolar é um reflexo da sociedade que o constrói e, assim sendo, pode ser usado como uma arma de controle social, para manter privilégios e estruturas de opressão. No ensino de História, esse elemento acaba sendo mais explícito, pois muitos livros didáticos ainda acabam presos a uma história dos vencedores.

Então, apesar da existência da Lei 10.639/2003 e da Lei 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira, são necessárias medidas que vão além da celebração da diversidade. O multiculturalismo no campo da educação é uma prática que visa afirmar e celebrar as diferenças, mas é necessário que os educadores construam, na realidade, uma pedagogia crítica, capaz de refletir acerca da construção política e social de cada uma dessas práticas. É, portanto, imprescindível que a educação promova um processo de conscientização capaz de transformar as situações de violência nas formas mais sutis em que estas possam se apresentar.

É seguindo esse prisma analítico que inserimos a sequência didática aplicada às turmas do 6º ano. Sendo o currículo escolar o reflexo de uma sociedade racista e uma arma de controle social, conforme fora apresentado anteriormente, cabe ao professorado ser o escudo. É imprescindível que suas ações pedagógicas sejam voltadas para fazer com que cada discente compreenda a si mesmo enquanto sujeito histórico, capaz de modificar a sociedade na qual está inserido.

Para cumprir o objetivo de uma aprendizagem antirracista, a metodologia adotada, baseada na obra de Decroly, nos forneceu as bases necessárias para promover uma aprendizagem que fugisse do modelo tradicional proposto pelos livros didáticos que, ao contar a história de um ponto de vista mais eurocêntrico, transformam o conhecimento histórico em algo abstrato e desconexo, desconsiderando o aluno e sua realidade concreta. As obras de Siqueira e Silva sobre os povos indígenas de Alagoas também contribuíram, nesse sentido, para ampliar a perspectiva histórica dos estudantes.



Além disso, destacou-se a aplicação de recursos didáticos variados (como a exibição de vídeos, realização de leitura e elaboração de cartazes), o que criou um ambiente acolhedor, pois diversificar os recursos didáticos nas aulas é uma estratégia que torna o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e eficaz, tendo em vista que, desse modo, o professor consegue atender aos diferentes estilos de aprendizagem presentes em uma mesma sala de aula (alunos visuais, auditivos, sinestésicos etc.), além de manter a turma engajada com o que está sendo exposto.

Ao final da sequência didática, avaliou-se que a intervenção proposta obteve um resultado positivo: desde as leituras e discussões até a ação prática realizada nas ruas provocaram um impacto significativo no senso crítico dos alunos e em sua visão de mundo. A longo prazo, a comprovação dessa observação se deu pela capacidade dos estudantes de estabelecerem relações com os demais conteúdos estudados e suas aulas sobre o racismo e a discriminação presentes na sociedade.

Desse modo, apesar de a presente pesquisa ser limitada por se tratar de uma experiência específica, sua contribuição encontra-se localizada na exposição de estratégias didáticas possíveis para a construção — em sala de aula — de um ambiente onde não só a diversidade cultural é respeitada e celebrada, mas também a discriminação é combatida. Esperamos que o presente trabalho seja mais uma porta de entrada para o estudo de ações pedagógicas que visam combater o racismo e as outras formas de violência que permeiam o ambiente escolar, pois, estando as instituições de ensino inseridas em uma sociedade estruturada pelo racismo, a neutralidade docente corrobora para sua perpetuação.

5. AGRADECIMENTOS

Desejamos nossos agradecimentos especiais ao professor supervisor José Monteiro, por proporcionar tantos aprendizados e nos fazer apaixonar ainda mais pelo ato da docência. Agradecemos também à coordenadora do programa, Alice Virginia, pela oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por



realizar um programa tão enriquecedor. Agradecemos também aos discentes da escola municipal, por nos confiarem o ato da docência.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernanda Andrade Silva. **Os sons Tingui-Botó: cultura e identidade indígena em Alagoas**. São Cristóvão, SE, 2020.
- APPLE, Michael W. **A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional?** In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2013.
- CAMPOS, Marcelo. **Tingui-Botó: lutas e conquistas de um povo**. Núcleo de Cinema Tingui-Botó, 2018.
- CIQUEIRA, Adriana Ciqueira. **Etnias indígenas alagoanas**. Maceió, AL: Instituto Federal de Alagoas, 2020.
- DECROLY, Jean Ovide. **Os centros de interesse e a pedagogia da evolução ativa**. Revista Valore, [S. l.], v. 8, p. e-8082, 2023. DOI: 10.22408/reva8020231242e-8082. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1242>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.